

O LUGAR DA IDEOLOGIA NO PENSAMENTO DE J.L. AUSTIN:
UMA SONDAÇÃO PRELIMINAR

KANAVILLIL RAJAGOPALAN*
IEL/UNICAMP

A palavra "ideologia" decerto não é uma daquelas, que um leitor, como eu, aficionado pelo pensamento filosófico de J. L. Austin e razoavelmente bem acostumado ao seu gênio muito peculiar, esperaria encontrar nos seus escassos e esparsos escritos. Até onde vai meu conhecimento o filósofo inglês jamais recorreu ao uso a essa palavra. Afinal, estamos falando de alguém que, após sugerir, certa vez, o termo "fenomenologia lingüística" como o mais adequado para descrever seu próprio modo de fazer filosofia, apressou-se em descartá-lo logo em seguida, dizendo que se tratava de uma expressão "difícil de se abocanhar".¹ Para esse filósofo que sempre deixava extravasar seu "anglicismo excêntrico"², que detestava perder toda e qualquer oportunidade de brincar com as palavras³, chegando a decretar (presumivelmente com ar de seriedade, porém brincando como de hábito com a tradução ao pé da letra da expressão francesa au pied de la lettre) que "in philosophy, the foot of the letter is the foot of the ladder"⁴, "ideologia" estaria na lista das palavras a serem encontradas no topo daquela escada, bem na altura das nuvens da confusão conceptual e da vaguidade terminológica.

Não obstante, é possível sustentar, como gostaria de sugerir a seguir, que o pai da "teoria" (se é este o termo mais indicado para rotular o

* Este trabalho relata resultados parciais de um projeto de pesquisa em andamento e financiado pelo CNPq (Processo nº 306151/88-0). As reflexões aqui desenvolvidas apenas acenam para um caminho novo na pesquisa em torno da obra filosófica de J.L. Austin, muito pouco explorado até agora e, ao que parece, até ignorado pela grande maioria dos pesquisadores que atuam no campo. É impressão do presente pesquisador que surpresas ainda maiores aguardam todos aqueles que decidirem enveredar por esta trilha.

¹ Veja "A plea for excuses" p.182. Ensaio publicado em Proceedings of the Aristotelian Society LVII, 1950 e re-editado em J.O. Urmson e G.T. Warnock (Orgs) Austin Philosophical Papers. Oxford: Clarendon Press. 1961. Pp.175-204.

² Veja J. Forrester: Seduções da Psicanálise. Campinas: Ed. Papirus. p.20.

³ Veja K. Rajagopalan: "A insustentável seriedade da leveza: uma análise desconstrutiva do humor de J.L. Austin". no prelo. A sair em D.E.L.T.A. vol.8. nº 2. 1992.

⁴ "Truth" p.118. Ensaio publicado em Proceedings of the Aristotelian Society 1950. e reproduzido em Austin: Philosophical Papers. (ver nota 2). Pp.117-133.

conjunto de reflexões que fez ao longo de sua carreira, haja vista a sua estruturação peculiar a ser discutida adiante) dos Atos de Fala está, o tempo todo, empenhado em cercar a questão da ideologia e do seu papel numa eventual teoria da linguagem. Quer dizer, dentro da concepção austiniana da linguagem, a questão da ideologia ocupa um ponto nevrálgico.

Dois atributos da ideologia servem de ponto de partida para a nossa empreitada. Primeiro, a ideologia, em última análise, se revela desprovida de qualquer base objetiva. Segundo, ela representa (por mais paradoxal que isso pareça) a única realidade superveniente para todos aqueles que já se entregaram ao seu poder sedutor.⁵

Evidentemente, essa caracterização da ideologia não tem a pretensão de ser nem universal nem consensual, e certamente encontrará resistência. No contexto do presente trabalho, não há espaço para esboçar uma justificativa bem sustentada em prol dos dois atributos mencionados acima da necessidades de contemplá-los concomitantemente. Convém ressaltar, porém, que muitas das outras caracterizações da noção de ideologia também incorporam cada um atributos citados proporcionando-lhes porém, pesos diferenciados. Por exemplo, a concepção da ideologia que se encontra esmiuçada em A Ideologia Alemã de Marx e Engels⁶), cujo traço distintivo é o elemento falsidade ou desvio, reconhece de certa forma o primeiro atributo, mas ignora terminantemente o segundo. Por outro lado, o olhar transcendental e extra- ou ultra- moral que Gellner revela acreditar ser possível assumir e a partir do qual se acha em pleno direito de afirmar que "É inútil usar o termo para cobrir qualquer sistema de idéias. Uma ideologia é um sistema de idéias com um forte apelo sexual"⁷ também resulta da incapacidade de apreciar os dois atributos concomitantemente. A inutilidade a que se refere Gellner, isto é, a ausência total de qualquer poder explicativo creditada ao relativismo radical que ele teme redundar de tal concepção só se verifica na prática se não se dispensar atenção devida ao segundo atributo no mesmo instante em que se reconhece a validade do primeiro em sua plenitude.

O importante, no caso de Austin, é que ele está atento a ambos os atributos da noção da ideologia sem privilegiar nenhum deles a custa do outro, isto é, respeitando o equilíbrio precário que se obtém entre eles. Está em sua

⁵ Esses dois atributos se encontram nitidamente isolados em H.E. Shaw: "With reference to Austin". Diacritics Vol.20. nº 2. 1990. p.77.

⁶ Escrito em 1845-46 (Primeira edição em português, Porto: Presença, 1980). É bastante esclarecedora, neste particular, a seguinte afirmação dos autores, referindo-se aos chamados jovens hegelianos: "Mas eles esquecem que a essas frases estão apenas opondo-se outras frases e não estão, de modo algum, combatendo o mundo real que de fato existe" (A Ideologia Alemã, Vol.I, 1).

⁷ Words and Things: An Examination of and an Attack on Linguistic Philosophy. Londres: Routledge & Kegan Paul. p.1.

agenda refletir precisamente sobre aqueles mecanismos dentro da linguagem que necessitam do jogo livre da ideologia e conseqüentemente se encarregam de mantê-los em atividade permanente. Afinal, concentrar-se exclusivamente no primeiro aspecto implicaria ter de sacrificar de vez qualquer possibilidade de se pensar seriamente o elo entre a linguagem e o mundo. Ao passo que, o segundo aspecto -- o caráter proeminentemente representativo da ideologia -- ofuscaria o fato de ser a hipótese seu modus operandi e vivendi -- a menos que este aspecto seja contemplado como sendo complemento indissociável do primeiro. Isso porque a construção hipotática da realidade que nos cerca se dá em virtude da falta da fundamentação objetiva da ideologia, que ao mesmo tempo insiste em se apresentar como revestida de poder representativo, sem colocar em evidência sua própria e verdadeira identidade.

Resta saber como Austin reconhece e enfrenta a questão da ideologia no interior do seu raciocínio. Confinaremos a nossa discussão à obra How to Do Things with Words (dorovante, H.T.).⁸ Contudo, dentro de uma linha de investigação do pensamento filosófico de J.L. Austin que gostaria de inaugurar e que, ao que tudo indica, promete descortinar gratas surpresas, usarei Sense and Sensibilia (dorovante S.S.)⁹ como um intertexto, isto é, constantemente tecendo considerações a respeito dessa outra obra austiniana, quase sempre ignorada pelos estudiosos que atuam na teoria dos atos de fala.

Quando acompanhamos Austin passo a passo em seu modo singular e extremamente eficaz de conduzir a argumentação filosófica na forma de uma espiral¹⁰ deparamo-nos com o fato de que, no fundo do fundo, o que interessa a ele é esse movimento giratório em si e não um desfecho, um estado de stasis, que a maioria dos filósofos -- sobretudo os analíticos, -- em situações análogas está habituada a procurar.

Vamos, pois, ensaiar rapidamente esse movimento giratório que Austin cria dentro do seu texto. O caso excepcional, o desvio ao padrão, que era o enunciado performativo quando este foi apresentado pela primeira vez, logo se revela ser o caso paradigmático, o próprio padrão. É, como se, num passe de mágica, todos os seres fantasmagóricos de um mundo paralelo ao nosso (isto é, idêntico em todos os sentidos menos o de ser factual) repentinamente tomassem posse do nosso mundo real, expulsando todos aqueles -- entre os quais, nós próprios -- que até então se achavam seus donos legítimos na medida em que são ou ao menos acreditavam ser entes reais, corpóreos, irredutivelmente existentes face a mais devastadora onda de ceticismo que se possa imaginar. O seguinte trecho extraído logo do início do

⁸ How to Do Things with Words. Oxford: Clarendon Press. 1962. Trad. Bras. Quando Dizer é Fazer (Trad. de Danilo Marcondes de Souza Filho). Porto Alegre: Artes Médicas.

⁹ Sense and Sensibilia. Oxford: Clarendon Press. 1962. Obra ainda não traduzida para o português.

¹⁰ Veja meu trabalho, "Dos dizeres diversos em torno do fazer". D.E.L.T.A. Vol. 6 nº 2 p.232.

Capítulo X da S.S. nos fornece, no meu entender, uma boa pista quanto à importância desse momento que com certeza não passou despercebida pelo próprio filósofo inglês:

A busca do incorrigível é uma das mais respeitadas preocupações constantes na história da filosofia. Está em evidência em toda a filosofia antiga, mais notadamente em Platão, foi, com toda força, re-animada por Descartes e deixada por ele como herança para uma longa fila de sucessores. Sem dúvida, ela parte de vários motivos e assume diferentes formas; evidentemente não podemos agora entrar em todos os detalhes da sua história. Em alguns casos, o motivo parece ser, relativamente, um simples desejo de encontrar algo absolutamente certo - um desejo que pode ser difícil o suficiente para se satisfazer se for manipulado de tal sorte que a certeza se torne absolutamente inatingível; em outros casos, como talvez no de Platão, o que se procura é aparentemente algo que seja sempre verdadeiro (Tradução minha; as ênfases são do original)¹¹

Num outro momento dessa mesma obra, S.S., Austin fala da "absurdidade do fato de Descartes entreter a noção de que a totalidade da nossa experiência possa ser um sonho"¹².

Voltando ao tema do movimento giratório que Austin desencadeia em H.T., é preciso lembrar que a primeira inversão da hierarquia (no caso, por ele mesmo estabelecida) é apenas o começo pois, assim que consagrar a primeira vitória, o filósofo começa a trabalhar exatamente no sentido oposto, de desfazer os resultados já obtidos - isto é, procurando estabelecer que nenhum performativo se dá em consequência do apagamento sem vestígio da marca registrada da constatividade, a saber, a suscetibilidade à averiguação em termos veritativos. É o que se depreende da tática austiniana de comprovar, mediante análise detida e discussão minuciosa, que a constatividade não passa de uma simples dimensão de qualquer enunciado, portando a fortiori, ou - à luz da primeira reviravolta - equivalentemente, do enunciado performativo (O conceito de 'ato ilocucionário' nasce nesse exato instante).

É relativamente fácil perceber que o que Austin está ensaiando até o momento é um exercício exemplar em desconstrução, de desconstrução na fúria implacável de sua inexorabilidade¹³. Daí a irresistível admiração -- a verdadeira fixação -- que o próprio Derrida não consegue disfarçar mesmo quando empenhado em desnudar a preocupação logocêntrica da qual,

¹¹ S.S. p.104.

¹² id. ibid. p.49.

¹³ Veja o trabalho da minha autoria, "Austin: um exercício em desconstrução". Em Souza Campos, O.G.L.A. (Org.) Semântica: Prima Pobre ? Araraquara: UNESP. Pp. 3-27.

segundo o pensador francês, Austin não consegue se desvencilhar.¹⁴

Um fato curioso é que Austin jamais deixou de encantar os desconstrutores os quais mesmo tantos anos após o debate Searle versus Derrida (cujos resultados foram francamente favoráveis a Derrida,¹⁵ segundo à opinião dos entendidos), vêm demonstrando fôlego inesgotável de continuar festejando sua vitória ao ponto de levantar suspeitas, por sinal procedentes, de que "a presença persistente de Austin nos escritos que procuram estabelecer suas fraquezas seja em si e por si só sugestiva"¹⁶ pois, "Entre historiadores sociais é axiomática a observação de que repetidas condenações de uma determinada atividade constituem indício confiável de que a atividade em questão se dá em larga escala". Como cheguei a observar numa outra oportunidade,¹⁷ parece que, morto, Austin está tendo uma presença efetivamente assustadora jamais alcançada pelo filósofo inglês quando vivo, a exemplo do que se costuma dizer a respeito do personagem de Julius Cesar na peça de Shakespeare com o mesmo nome. Será que estamos diante de um caso, não mais hipotético como na discussão de há pouco, de um fantasma se materializando, se tornando tão real se não mais real que seu congênere do mundo real de outrora?

Todavia, o melhor está ainda por vir. Pois nem mesmo a segunda inversão hierárquica satisfaz Austin, que vai começar tudo de novo -- de uma forma que, ao menos à primeira vista, está destinada a levantar aplausos do próprio Sísifo. Entretanto, Austin não é nenhum Sísifo da filosofia moderna. O caso mitológico do suplício de Sísifo não serve de analogia para a prática filosófica de Austin, pois nela se detecta, a cada passo, um avanço, uma transformação, um aprofundamento cada vez maior.

Serve de analogia, sim, a aventura de Alice narrada por Lewis Carroll em seu romance, como muito sutilmente sugere Forrester¹⁸. Afinal, o enunciado performativo se comporta, ao longo dos caminhos e descaminhos de sua longa aventura narrada com tanto gosto por Austin em H.T., de maneira incrivelmente análoga ao modo como o famoso gato Cheshire vive desaparecendo e reaparecendo. donde a extrema perspicácia que evidencia Max Black quando sugere como sub-título mais apropriado para a epopéia austiniana: "Em busca de uma

¹⁴ Veja J. Derrida: "Assinatura Acontecimento Contexto". Em J. Derrida, Margens da Filosofia. Lisboa: Rés. 1980. Pp.401-433.

¹⁵ O debate entre Jacques Derrida e John Searle já se transformou em um cause célèbre, como evidencia a recente publicação de um livro onde se encontram reeditados todos os três artigos principais envolvidos, com um apanhado retrospectivo da autoria de J. Derrida (Evanston: Northwestern University Press, 1988). Os três artigos são, além do trabalho mencionado na nota 15 acima, "Reiterating the differences: a reply to Derrida" de Searle e "Limited Inc." de Derrida, ambos publicados na revista *Glyph*. nº 2. 1977. (Johns Hopkins University).

¹⁶ O autor dessas frases é Sandy Petrey, "Iterating revolution: speech acts in literary theory". Philosophy and Social Criticism. Vol. 15. nº 3. 1989. p.296.

¹⁷ "Dos dizeres diversos em torno do fazes" (Ver nota nº 11). p.244.

¹⁸ Seduções da Psicanálise (ver nota nº 3). p.20.

distinção evanescente"¹⁹. Face a todas as provas em contrário, Austin não desiste de sua perseguição do enunciado performativo em sua forma mais destilada e livre de todas as impurezas -- algo que faz lembrar a satisfação que sente Alice ao vislumbrar a possibilidade de contemplar apenas o sorriso que resta da figura do gato quando todo o resto se apaga progressivamente como em um desenho animado. Há um momento crucial em S.S. onde Austin pergunta: "And what about dreams? Does the dreamer see illusions? Does he have delusions?". "Neither," responde o próprio filósofo de bate-pronto, "dreams are dreams."²⁰

O mundo das maravilhas da linguagem para o qual Austin nos conduz desconhece a própria distinção real/ilusório. É o que cuida disso é a ideologia: por mais irreal que possa ser o país ao qual Alice/sujeito da linguagem é transportada, a ideologia faz com que ela encontre o consolo ilusório (ou real?) do "pé no chão" até mesmo quando se sente em queda livre no vazio sem fundo que serve de porta de entrada para aquele mundo misterioso. A partir daí, tudo é real, tão real quanto qualquer realidade que preste. "É importante perceber," diz Austin, novamente em S.S., "como a familiaridade, por assim dizer, toma a borda da ilusão."²¹

O movimento giratório não pára nunca no texto de Austin, para o desespero até de alguns dos mais ilustres leitores. Como numa espiral, ele está sempre impulsionado para frente mesmo quando reclama o terreno perdido e confessa: "Devemos começar tudo de novo"²².

Quem festeja com entusiasmo exagerado o propalado deslocamento da verdade alética nas mãos de Austin, deve, com urgência, conscientizar-se de que há algo que o filósofo nem sequer menciona de passagem, mas que acaba tomando o lugar do vazio. Este algo se chama 'ideologia'. A ideologia por sua vez fabrica novas modalidades de verdade que seduzem o teórico da linguagem a pensar que seja possível se servir de uma delas como pedra angular para um eventual "clôture", etapa preparatória para consolidação teórica. É, de certa forma, o que acontece com o próprio Austin o tempo todo. Porém a roda vai girando, como que por uma força própria. Parece seguro afirmar que no fim das contas o que importa mesmo para Austin é o movimento, o devir. Por que outra razão ele iria repetir a mesma tática retórica-expositiva em três ocasiões diferentes, em Harvard, durante a série de conferências que compõem H.T., em Royaumont, quando fez a conferência em francês "Performatif-constatif", e na B.B.C., onde proferiu a palestra "Performative utterances"?

¹⁹ "Austin on performatives" p.402. Em K.T. Fann (Org) Symposium on J.L. Austin Londres: Routledge & Kegan Paul. 1969. Pp.401-411.

²⁰ S.S. p.27.

²¹ id. *ibid.* p.26.

²² H.T. p.91.

Vale ressaltar que, ao contrário do que prevê a dialética de Hegel quando aposta num progresso sistemática mediante a resolução das forças opostas, a tensão gerada pelo movimento giratório na forma de uma espiral que o discurso filosófico de Austin desencadeia não prevê nenhum dénouement, nenhum gran finale. Deixa, no melhor estilo wittgensteiniano, tudo como está. O que não significa cair num vazio, num silêncio de alternativas ou perspectivas. O que Austin quer é ação dinâmica constante que não se submeta nunca aos encantos da stasis, sonho de todos os empreendimentos logocêntricos. E quanto a isso ele pode contar com os aplausos de Nietzsche e de Derrida, para mencionar apenas dois nomes dos tempos modernos.